Esse ano vamos trabalhar tendo como referencial, o tempo todo, os elementos do remix, da reciclagem das ideias, palavras, histórias. Nossa ênfase estará na prosa, seja narrativa, descritiva ou dissertativa. Além disso, vamos temperar esse caldo com o que aprendemos o ano passado sobre neologismos, invenção de palavras. Um dos pontos principais que temos destacado ao longo do nosso convívio criativo é a questão do olhar: ler o texto, mirar profundamente a vida.

A verdadeira aprendizagem consiste na capacidade de associar os conhecimentos, e esse é o nosso principal desafio esse ano. Associar conhecimentos é olhar com profundidade.

João Cabral de Melo Neto, o grande poeta nordestino, costumava dizer que a literatura só tem uma função: ela dá a ver.

Os contos e poemas têm um grande potencial para “dar a ver”, já que são narrativas concisas, que apresentam “unidade dramática e tem a ação concentrada em um único ponto de interesse” (CASTELO, 2007).

A palavra conto deriva de *conputus*, do latim, e um dos sentidos aos quais pode remeter é *cálculo*. Significando, com isso, que uma *short story,* como dizem os ingleses, é um relato bem calculado, que procura não dar espaço para a prolixidade, para aquilo que é supérfluo: no conto, tudo é vital, objetivo.

Isso não significa que todos os contos tem que ser concisos em termos quantitativos (alguns contos de Maupassant, um mestre dessa arte, tem mais de 70 páginas).

A concisão de que estamos falando se dá, principalmente, pelo viés da objetividade. Diante disso, como já falamos em cálculo, que é uma palavra do Reino da Matemática e da Estatística, vamos “puxar” outro conceito desses campos do conhecimento para complementar a nossa definição: o conto é um problema.

Problemas podem ou não ter solução/soluções, mas todos têm um enunciado. Então, misturando esse caldo literário: um conto pode apenas “dar a ver” um problema, uma situação.

Os bons contos podem ser encontrados em todos os estilos: contos de mistério, de terror, psicológicos, realismo mágico, policiais, de comportamentais ou de costumes.

Os grandes mestres na arte de escrever contos – e isso é consenso entre todos os críticos – são os russos, provavelmente pela “formatação” da psique desse povo, pela “formatação” do idioma russo, que usa o alfabeto cirílico, riquíssimo – contém 44 letras – e, de certa forma, mais simples que o português. Nós vamos começar com um mestre: Anton Tchekhov.

No conto “O bilhete premiado”, Anton Tchekhov foca um momento muito banal, que, provavelmente, deve ter se repetido milhares de vezes em muitos lares, de muitos países. Mesmo assim, o conto “dá a ver” algo fundamental: a força dos sentimentos que se originam a partir de simples suposições.

São apenas dois personagens: Ivan Dmítritch e sua esposa Macha. O ambiente é a casa de ambos, a história se passa numa noite qualquer, após o jantar. Enquanto a esposa tira a mesa, ele lê o jornal. Macha pergunta pelo resultado da loteria. A partir daí, a história se desenvolve.

Sem ter fé nos jogos, atende imediatamente à solicitação de sua esposa, a qual encontra-se ansiosa , avisando-o que o bilhete tem o número 9499-26

“Ivan Dmítritch não acreditava na sorte da loteria e em outra ocasião jamais se daria ao trabalho de verificar a lista. Agora, porém, que não tinha nada para fazer e o jornal estava bem debaixo de seu nariz, percorreu com o dedo de cima para baixo. Os números da série. E não é que logo de cara, como que para zombar de sua descrença, já no alto da segunda coluna apareceu de repente, diante de seus olhos, o numero 9499! Sem conferir o número do bilhete nem verificar se tinha lido certo, deixou cair rapidamente o jornal no colo e como se alguém lhe tivesse derramado água na barriga, sentiu um friozinho agradável no fundo do estômago. Era uma sensação de coceira terrível e deliciosa ao mesmo tempo”.

Os dois se entreolham com um ar de suspense, pensando na possibilidade de o bilhete – que pertence a ela – estar premiado. Entre olhares e sorrisos, os dois se deliciam com a situação, com as possibilidades abertas pelo fato de aqueles números constarem da lista de resultados. O esposo, então, dá asas à imaginação, planejando o que fará se realmente ganharam o prêmio. A esposa, embevecida, apenas o acompanha em cada instante.

“Ivan Dmítritch olhou para a mulher e sorriu num sorriso largo e apalermado como uma criança a qual tivessem mostrado alguma coisa brilhante. A mulher também sorria. Sentia o mesmo prazer que o marido por ele ter lido somente a série e não ter tido pressa em saber do número do feliz bilhete. E tão delicioso, tão angustiante consumir-se e espicaçar-se na esperança de uma felicidade possível!”

“E na imaginação dele começaram a se aglomerar imagens, uma mais poética e aprazível que a outra. (...) Lá está ele, depois de ter comido uma sopa de legumes fria como o gelo, de barriga para cima na areia quente, na beira do rio ou no jardim mesmo, embaixo de uma tília… Faz calor… O filho e a filha rastejam perto dele, rolam na areia ou caçam algum bichinho na relva. Cochila docemente sem pensar em nada e sente com todo o corpo o que significa não ter de ir ao serviço nem hoje, nem amanhã, nem depois. E quando cansar de ficar deitado, pode ir ver cortar o feno, ou ao bosque, colher cogumelos, ou então ficar observando como os camponeses pescam os peixes com o arrastão. Ao pôr-do-sol, pega um pano, um sabonete e esgueira-se na casa de banho, (...) Depois do banho, um chá com creme e rosquinhas doces… À noite, um passeio ou uma partida de uíste com os vizinhos.”

Um momento prazeroso, fundado na imaginação, para uma família que sobrevivia com mísero salário mínimo (1200 rublos).

Depois, em pensamento, se deu conta de que mudar-se para uma propriedade no campo, no outono/inverno russo, não é tão boa ideia assim: “Não se tem por onde passear; sair de casa, nem falar! Passa-se o dia inteiro andando de um canto para outro e olhando tristemente pelas janelas embaçadas. Que coisa enfadonha!”

Então, afirma: “Se o bilhete fosse meu, eu iria para o estrangeiro”. A mulher, entusiasmada, responde: “Eu também iria para o estrangeiro correndo – disse a mulher. – Mas olhe o número do bilhete!”

Dmitri começou a andar pela sala, e suas feições começaram a mudar, o que a esposa percebeu imediatamente:

“E se a mulher fosse realmente para o estrangeiro? Viajar é bom sozinho, ou em companhia de mulheres despreocupadas, sem compromisso, que vivem o momento presente, e não com aquelas que ficam o tempo todo pensando e falando em crianças, suspirando, tremendo com medo de gastar um copeque que seja. Ivan Dmítritch imaginou sua mulher no vagão, cheia de embrulhos, cestas, pacotes: suspira e queixa-se que a viagem lhe deu dor de cabeça, que gastou muito dinheiro. É preciso correr na estação atrás de água quente, sanduíches, água potável (...) Tenho certeza que ela iria controlar cada copeque, pensou ele, olhando para a mulher. O bilhete é dela, não é meu! E pra que ela precisa ir para o estrangeiro! O que é que lhe falta ver lá de importante? Já sei. Ficará fechada o tempo todo no hotel e não me deixará desgrudar dela um só momento.”

Macha parece adivinhar que os pensamentos do marido tomaram uma direção egoísta e ele mostra, no rosto, que acaba de se lembrar a quem pertence o bilhete. Macha, por sua vez, adivinha nas feições do marido o rumo que sua imaginação tomou. Agora, trocam olhares ressentidos:

“E pela primeira vez em sua vida reparou que a mulher tinha envelhecido, ficara feia e cheirava a cozinha, enquanto ele ainda era moço, saudável, viçoso, bom para se casar uma segunda vez.”

Olhou para a mulher com raiva: “Tenho certeza de que na hora em que recebese o dinheiro, iria trancá-lo a sete chaves, como faz o mulherio… Iria escondê-lo de mim… Aos parentes dela tudo, mas para mim, contaria cada copeque.”

“Já olhava agora para a mulher com ódio e não mais com um sorriso. Ela também olhava para ele com maldade e com ódio. Ela tinha seus próprios sonhos dourados, seus pianos, suas ideias e sabia perfeitamente no que estava pensando o marido. Sabia que seria o primeiro a avançar no que ela teria ganho. – É bom sonhar por conta dos outros!, dizia o olhar dela. Não, você não conseguirá! – pensou Macha.”

Dmitri adivinhava os pensamentos da esposa através de sua expressão. Impulsionado pelo prazer de destruir a ilusão que deixava em vantagem sua esposa, olha rapidamente para o jornal e menciona não ser o bilhete premiado, podendo assim, experimentar uma sensação de vingança por não pertencer-lhe o bilhete, e sim a ela.

“A esperança e o ódio desapareceram ambos de repente e, no mesmo instante, Ivan Dmítritch e sua mulher acharam os aposentos escuros, pequenos e abafados, e o jantar que tinham acabado de comer pesado e insosso, e as noites longas e enfadonhas.”

E o marido, implicando com tudo, afirma:

“Terei de ir embora de casa, o diabo que me carregue. Vou sair e me enforcar na primeira árvore.”

**Exercício:**

**Nossa tarefa é fazer um remix desse conto. É permitido utilizar:**

1. **A ideia central**
2. **Uma única frase original do texto**
3. **O desfecho semelhante**
4. **O desfecho completamente diferente**
5. **Mudança de nomes, ambientes e época**
6. **Mudança do título**
7. **Usar uma única frase e, a partir dela, construir uma história completamente diferente.**